Prólogo

Lúcio Nhansengo, um arrogante General, é Adjunto de Comissário da Polícia. Mede cento e setenta centímetros de altura. Está um pouco acima do peso, tem olhos enormes, quase a saltaremdas órbitas, e esconde-os sempre por trás de um par de óculos escuros. O cabelo sempre rapado lembra um ovo de páscoa gigante, dedos das mãos grossos e cheios de anéis e no topo deles, unhasacastanhadas. A barriga ligeiramente avantajada começa a exigir e testar a resistência dos botões do seu uniforme, que mais parece asua última camada de pele, pois nunca foi visto com traje diferentedaquele fardamento.

Vem sempre com um cachimbo. Sem tabaco e sem outra coisa que se fume. Apenas para poder morder a ponta. Diz-se que que isso já vem do tempo de escola, em que mordia as pontas das canetas, às vezes até à metade delas. Mordia para relaxar e mordia por estar relaxado. Mordia para se concentrar e quando estivessedescontraído também.

Lúcio tinha sido casado por vinte anos com Maria José, uma mulher maior que ele em tudo: corpo, personalidade, responsabilidade e dignidade. Media mais de cento e oitenta centímetros de altura, e pesava quase o mesmo Era lenta nos passos, nas atitudes e nas decisões. Falava calmamente e sempre em tom de voz controlada. Possuía na face cor de ébano, uma expressão extremamente séria, sempre, e raramente era vista rindo às gargalhadas. Tinha fartos cabelos pretos e crespos, presos sempre em duas tranças *xi-tr*ês[1], uma de cada lado da cabeça.

Tinha dois filhos com o General e era a que tinha acompanhado a sua ascensão desde o início. Tinham passado por várias dificuldades e

[1] Tranças que prendem o cabelo formando uma fila, de uma extremidade da cabeça à outra.

alegrias juntos, até que ela se cansou de ser mais mãe do que esposa do General e decidiu sair de casa com os filhos.

Rosário ou Maria Joaquina do Rosário Assunção e Pires, mãe de quatro filhos é a segunda mulher do General e era a sua amante quando este era marido da dona Maria. Mede menos de cento e sessenta centímetros de altura, fala pelos cotovelos e está sempre apressada. Vive afastando os fios de cabelo corrido e cacheado, colados à testa por conta da transpiração abundante e as bochechas viram duas mangas-rosas sempre que se expõe ao sol. A sua respiração ofegante dá a impressão de que os seus seios, exageradamente grandes, comprimem-lhe os pulmões. Ouviu do General, por anos a fio que ele não podia separar-se por causa das crianças. Apenas quando dona Maria decidiu separar-se foi que ela percebeu que as crianças eram jovens de barba rija e corpo formado. Entretanto, relevou a mentira porque era uma mesquinhice diante da grande realização do seu sonho que era o de se tornar a senhora do General.

Neyde Maria ou Neydinha é "a novinha" do General, a quem ele considera mais esperta que uma lebre e de novinho só tem as perucas que mudava constantemente. Ela era a responsável por trazer companhia para os seus amigos sempre que ele quisesse. Tinha vinte e alguns anos e o corpo com a firmeza característica da idade. Onde faltem curvas ou saliências naturais, estas eram devidamente preenchidas pelas artificiais, orgulhosamente financiadas pelo General. As cores alegres da sua face, à que chamam *make up*, também são produto do dinheiro do General.

Eduardo Lucapa, oficial da Marinha, está sempre bem aprumado e orgulhoso do seu uniforme branco, que nunca se lhe viu uma única mancha. Do alto dos seus cento e noventa e oito centímetros, quase nunca perde a compostura, o orgulho e a altivez que o caracterizam. Está sempre pronto para comentar qualquer assunto que seja

abordado nas rodas de conversa, mas prefere calar-se a entrar em discussões que paraele pareçam inúteis.

Osvaldo Cardoso é gordinho, bem-disposto e sorridente. É quase da mesma altura do General, tem cabelo preto de seda e pele de sândalo. As covinhas no rosto cada vez que ri ou sorri mostrandoos dentes brancos e alinhados, fazem com que seja impossível ter antipatia por ele. Todas as manhãs sai ataviado de fato e gravata e volta, ao fim do dia, com a gravata no bolso, o casaco no ombro, a camisa desabotoada até à metade e, invariavelmente, etilizado. Aspirante a jurista, com ares de quem tem a conta bancária semprerecheada, o que garante a atenção de todo o tipo de interesseiras.

Uma delas foi a sua esposa Suzete por quem era completamente apaixonado e estava sempre disponível a satisfazer todos os seus caprichos. Não tinham filhos, mas Suzete tinha trazido um casalde filhos para o casamento, a quem Valdo tratava como seus, semo menor preconceito. Só depois de casada descobriu que a contabancária de Valdo era tão farta quanto os cabelos da sua cabeçacareca, por baixo da peruca de longos cabelos cacheados que orgulhosamente exibia pelas ruas da capital.

***

Eram cerca de três horas da madrugada de terça-feira, e a cidade há muito tempo dormia, por força do recolher obrigatório instituído por conta de um perigo nacional que punha em risco a vida de todos. Era proibido estar na rua, era proibido festejar, abraçar, dançar. Era imperioso que cada um ficasse na sua casa, e mesmo em casa, os moradores da mesma tinham que manter entre si distância segura, não fosse, por descuido, tocar no companheiro e colocar a vida de ambos em risco.

Nas ruas, ninguém devia andar fosse por que motivo fosse, depois das nove horas da noite. E, ai de quem saísse, a polícia estava pronta para colocar na linha os infractores desobedientes, com cassetetes e algemas.

A paz pesada do medo do perigo nacional é interrompida pelo som de gargalhadas e música alta, vindo do R*ange Rover* que acaba de estacionar em frente à casa nº 9, daquela rua. Os ocupantes da viatura desceram ruidosamente e foram pelo quintal adentro. No fundo do quintal uma piscina rectangular, de águas pretas, reflexo do céu desestrelado. Em volta da piscina, espreguiçadeiras brancase azuis às riscas. A iluminação do quintal vinha de pequenos pontos de luz fixos nos muros castanhos que delimitavam a casa. Aquela era uma das muitas casas de Lúcio, na cidade de Maputo. A casapara as suas festas particulares. Porque além dessa tinha a casa da família, a casa de negócios, entre outras.

Era uma vivenda de dois pisos, igual às outras trinta e uma vivendas que compunham aquele condomínio. Entre o portão de entrada e a porta principal da casa, contavam-se aproximadamente dez passos largos. Uma palmeira anã à esquerda e uma roseira com pequenos botões de rosas brancas, rodeadas por uma verde e bem tratada relva, ladeavam o pequeno trilho entre o portão e

a entrada principal. As laterais exteriores da casa eram espaçosas e cimentadas. Eram simultaneamente usadas como garagem/parque de estacionamento de carros e passagem para a parte traseira da casa, lugar predilecto de Lúcio. Além da piscina havia um vasto alpendre feito com quatro robustos troncos de árvores, que lhe serviam de pilares, e coberto de capim seco. Nos quatro lados do alpendre pendiam, das barras de madeira que suportavam a cobertura, longas cortinas brancas, esvoaçantes e transparentes. Por baixo da cobertura, mesmo no centro, um balcão de bar, feito de mármore branco e duas mesas brancas com quatro cadeiras do mesmo tom. A garrafeira por trás do balcão, feita de madeira e iluminada com lâmpadas led azuis, era motivo de orgulho de Lúcio que não se fartava de exibir as bebidas caras e raras da sua colecção.

- General, podemos afinar um bocado a música? Esta hora a vizinhança deve estar a dormir.
- Afinar o quê? Estou na minha casa e faço nela o que bem entender. - Respondeu Lúcio, puxando para mais perto de sia mulher com quem dançava.

Valdo riu alto, enquanto abria ruidosamente uma garrafa de champanhe *moet Chandon*:

- Se os vizinhos estiverem incomodados virão até aqui reclamar. – Disse, deitando-se ao lado da bela mulher que estava à beira da piscina.

A mulher que estava com Lúcio tinha reclamado do volume porque vira as cortinas da casa vizinha a abrirem-se levemente e um vulto a espreitar por ela. Os vizinhos do General estavam mesmo incomodados.

- Que barulho é este às três da manhã? - Perguntara a mulher da casa ao lado.
- É o nosso vizinho General, quem mais seria? – Respondeu o marido.

- Mas hoje é terça-feira e nós trabalhamos amanhã. Como é que ele se atreve a ligar essa música nesse volume? Essas pessoas todas que estão com ele não trabalham? – Resmungou a mulher, remexendo-se nervosamente na cama.
- Vou fechar a janela para diminuir o barulho – disse o homem, levantando e caminhando para a janela, enquanto a esposa se revirava na cama.
- Ias espantar-te se visses as "pessoas todas" que estão a fazer esse barulho. Além do General e dos seus amigos inseparáveis, estão só mais três meninas. – Comentou enquanto fechava a janela. Quando se virou para a esposa, para ver o efeito das suas palavras nela, ela tinha voltado a cair no sono. Voltou para a cama e tentou recuperar o sono e ignorar o som da festa do vizinho.

Enquanto isso o General recebia uma chamada. Era de um dos seus oficiais. Afastou-se do barulho do seu convívio e foi atender:

- Comandante, estamos aqui numa rua da Mafalala[2] e vemos algumas mulheres e crianças sentadas fora de casa. – Explicou o oficial.
- São desordeiros, estão a violar o recolher obrigatório. Chamboqueiem a todos e mandem entrar em casa. – Ordenou o General.
- Às ordens, comandante. Mas elas só estão sentadas. Alegam que dentro de casa está muito quente. Não estão a criar desordem nenhuma. – Argumentou o oficial.
- Se não é para me obedecer, para que foi que me ligou? Eu já disse, chamboqueiem e detenham aos que resistirem à ordem para entrarem em casa.- Dito isto, desligou o telefone e voltou à sua festa.

[2] Bairro suburbano da Cidade de Maputo.

***

Neydinha, a novinha do General era uma parasita. Para ela o General era um saco azul de onde tirava dinheiro para satisfazer todos os seus caprichos e necessidades materiais. Em troca só tinha que fingir prazer por uns segundos e aparecer sempre linda e pendurada no seu braço, para ser orgulhosamente exibida aos outros. Não tinha a menor vontade de se tornar na senhora do General e muito menos de ser apresentada à sua família. Fazia sempre questão de dizer às suas amigas que deviam ver os amigos do General como *ATMs*[3] humanas e que nunca se deviam envolver emocionalmente com eles.

"*Não é tempo de amar este!*" – Repetia vezes sem conta. "Aqueles homens não sentem nada por nós, não nos vêem como pessoas, somos objectos de prazer e *ma nada*!"

Entretanto, naquele dia ao ver aquele amigo do General, esqueceu-se dos seus próprios conselhos.

Aquele senhor incomodava-a, deixava-a desconfortável, e principalmente, parecia não notar a sua presença e nem a olhava com cobiça, como os demais.

Era bem-disposto, elegante e gentil, ao contrário dos outros carrancudos e barrigudos a quem o General levava para conviver no fim das suas reuniões de trabalho. Tratava as suas amigas como se elas também fossem gente e não acessórios de prazer.

Não conseguia parar de olhar para ele e de segui-lo com os olhos para onde quer que fosse. Não ouvia o que ele falava, mas ao ver o movimento dos lábios sorridentes e faladores imaginou-os a passearem pelo seu corpo; imaginou-os quentes, carnudos e macios sobre si. Esse pensamento deixou-a arrepiada e suspirou. O General

[3] Máquina de realização de operações bancárias.

olhou para ela e percebeu aquele som como um convite dela para que tocasse nela. Passou a mão pelos seus seios intumescidos e beijou-lhe a boca. A novinha deixou-se beijar, imaginando outros lábios sobre a sua boca.

- Hummm... Hoje estás toda dengosa. Gosto disto – disse o General animado, despertando a novinha da sua divagação.
- Estou com fome, vamos comer. – Disse ela, empurrando levemente o General, para longe de si.

Enquanto falava, olhava à volta, à procura daquele senhor, e encontrou-o a conversar com uma das suas amigas.

- A comida está ali. – Mostrou o General, por entender que os olhos dela procuravam a mesa das comidas.

A novinha acompanhou o seu General, tentando a todo custo não olhar em direcção ao senhor.

Depois de confirmar que a sua novinha estava devidamente servida, o General afastou-se e foi conversar com os seus amigos.

Distraída, ela apreciava aquela agitação toda. Conversa animada, gargalhadas divertidas, ambiente leve e descontraído. Um entra e sai de pessoas, a maioria delas estranhas. E, mais uma vez os seus olhos foram parar naquela figura, e estranhamente a sua mente falou "Aqui estás tu...onde estiveste a minha vida inteira?" e sorriu.

- Heiii... Se os olhos comessem já não restava nada do homem
– Alguém comentou, despertando-a da viagem.
- Que homem? – Perguntou ela, sobressaltada por ter sido descoberta e com fingido desinteresse.
- Aquele para quem não paras de olhar. Melhor parar antes que alguém perceba e venha tirar-te os olhos...
- Como assim tirar-me os olhos? – Agora estava seriamente interessada e preocupada.

A amiga apontou para o General enquanto dizia:

- Melhor desviares esse olhar e esse apetite para essa comida de verdade.
- Eu não sei de que falas. Mas vou comer sim porque estou morta de fome.

Mas ela precisava mais do que comida, precisava de um banho frio, precisava de fumo, de álcool, ou de qualquer outra coisa para levitar daquela realidade. Só podia estar a enlouquecer. Em menos de uma hora já estava atraída por alguém sem ter trocado nem uma palavra. Que absurdo!!!

Mas o seu cérebro estava sem poder nenhum sobre o resto do corpo. Os olhos estavam magneticamente atraídos para aquela direcção. O estômago formigava e não tinha nenhuma vontade de receber o que ela comia.

- Mas que raio é que há de especial ali para não parares de olhar? – Perguntou novamente a amiga, divertindo-se com aquele descontrole, nada comum nela.
- Ali aonde? – Perguntou, mais uma vez sobressaltada.
- Eu já te disse que se continuas assim ficas sem os olhos – respondeu a amiga – O que ele tem de especial?
- Nada. E não estou a olhar para ninguém – respondeu ela, rispidamente. A amiga riu-se às gargalhadas e voltou à conversar com os outros.

"Meu Deus, preciso me concentrar... Ou melhor desconcentrar! Sei lá, preciso mudar de foco... Aqui há gente de mais. Procure alguém para conversar".

E conseguiu. Naquele dia tinha gente de mais, álcool de mais, diversão de mais para se desconcentrar.

Mas terminou. Ela voltou para casa, e o silêncio voltou... E por cada camada de maquilhagem que removia do seu rosto, aquela imagem, aqueles pensamentos, aquele frio na barriga e todas aquelas vontades se tornavam mais presentes.

Onde ele esteve a vida inteira? Donde vem aquela sensação de "*já te conheço de algum lugar da minha vida*"? Como pode ele mexer tanto comigo sem sequer chegar perto?

Retirou a peruca e ficou a apreciar a sua figura reflectida no espelho. Aindabem que ele não a tinha dado atenção, porque aquela Neydinha do General nada tinha a ver com aquela pessoa no espelho: A Neyde.

E era aquela que queria ser conhecida por aquele senhor sem nome.